

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JOSÉ NASCIMENTO: NEM VERDADE, NEM MENTIRA
10 de outubro de 2024

O JARDIM DAS FIGURAS / 1973

Um programa de EQUIPA ENSAIO

Realização e montagem: José Nascimento (não creditado) / *Argumento:* Álvaro Guerra (não creditado) / *Direção de fotografia:* José Luís Carvalhosa (não creditado) / *Locução:* Joaquim Pedro.

Produção: João Martins, para a RTP / *Série:* IMPACTO / *Cópia:* RTP Arquivos, digital (a partir de materiais em 16mm), preto e branco, falada em português / *Duração:* 16 minutos / *Primeira exibição:* “assunto” do programa IMPACTO exibido no 21 de março de 1973, RTP / *Primeira passagem na Cinemateca.*

REPÓRTER X / 1986

Um filme de JOSÉ NASCIMENTO

Realização: José Nascimento / *Argumento:* José Nascimento, José Álvaro Morais e Manuel João Gomes, com Edgar Pêra / *Direção de fotografia:* Manuel Costa e Silva / *Direção de fotografia (filme mudo):* Mário de Carvalho / *Som:* Carlos Alberto Lopes / *Misturas:* Antoine Bonfanti / *Cenografia e Figurinos:* Jasmim de Matos / *Música:* António Emiliano / *Canção Original:* “Dor de Alma”, Sérgio Godinho (interpretada por Anamar) / *Montagem:* José Nascimento, Ana Luísa Guimarães / *Interpretação:* Joaquim de Almeida (Reinaldo Ferreira), Fernando Heitor (Mário), Paula Guedes (Zaida), Susana Borges (Hanna Sturk), Eunice Muñoz (Sara Sturk), Mário Viegas (Sete Línguas), Rui Reininho (Sartov), Anamar (Charlotte), Jorge Silva Melo (Camilo), Filipe Ferrer (director do jornal), Teresa Roby (Regina), Ana Wilson (Diana), José Wallenstein (Stuart), Marcello Urgeghe (Cobra-de-água) Manuel Graça Dias (Ahmed), José Ribeiro da Fonte (Ministro), Zé da Guiné (Abdul), Pedro Cabrita Reis (Italiano), Francisco Nascimento (Groom), Helena Vieira, Luís Madureira (actores do filme mudo), Adelaide João, etc.

Produção: Paisà Filmes, José Nascimento (Portugal, 1986) / *Produtores executivos:* Maria do Carmo Moser, José Lã Correia / *Diretora de produção:* Isabel Branco / *Estreia comercial portuguesa:* 22 de maio de 1987, no Estúdio 444, no Quarteto, no Gil Vicente e no Lumière / *Cópia:* Cinemateca Portuguesa, 35mm, cor, falada em português e francês / *Duração:* 98 minutos / *Primeira passagem na Cinemateca:* 30 de outubro de 1986 (“Ante-Estreia”).

Duração total da sessão: 114 minutos

Com a presença de José Nascimento e membros da equipa.

O JARDIM DAS FIGURAS

A primeira vez que José Nascimento assumiu a posição de realizador e dirigiu uma equipa aconteceu em 1972/73, no âmbito da série IMPACTO, na qual Nascimento havia trabalhado em diferentes funções: primeiro como assistente de produção, depois como montador. Este programa televisivo, cujos episódios haviam sido realizados por cineastas como Fernando Lopes, António-Pedro Vasconcelos ou Fernando Matos Silva, compunha-se invariavelmente como uma sucessão de “assuntos” – vulgo reportagens livres – onde se abordavam as mais variadas temáticas. Cada programa costumava apresentar três “assuntos”, completando cinquenta minutos de duração. Era um *magazine* que agregava os mais variados temas e interesses de “caráter histórico, artístico e social”: desde os campinos do Ribatejo aos vendedores de castanhas, passando pelo Jardim Zoológico de Lisboa, pela literatura de cordel, a arquitetura moderna ou o turismo na Serra da Estrela (só para elencar alguns dos “assuntos” dos primeiros episódios da série).

Em entrevista, José Nascimento esclareceu como aconteceu esta “mudança” de responsabilidades, isto é, como se “estreou” na realização. “Tinha dito ao Fernando [Matos Silva] que gostava de começar a fazer pequenas coisas e foi [quando estávamos em] Castelo Branco que o Fernando me desafiou a fazer o primeiro filme. Como aquilo era um jardim, um espaço controlado, era uma coisa relativamente simples (...). Comecei a olhar para aquilo e a pensar que se fizesse um plano fixo não ia ter graça nenhuma. Se calhar era preferível percorrer cada uma das estátuas em *travelling*, era mais dinâmico e passava por cada uma das caras. Era uma coisa com mais leitura! Disse ao José Luís Carvalhosa que gostava de fazer um *travelling* sob as estátuas. Ele olhou para mim depois para o Fernando, como que a pedir confirmação. O Fernando disse que podia ser complicado, mas respondi-lhe que já que estava a fazer o meu primeiro filme, gostava mesmo de fazer o *travelling*. O José Luís pôs a câmara ao ombro, mas não dava muito jeito por causa dos degraus e porque ficava muito alta em relação às estátuas. Teve de agarrar a câmara e assentá-la entre o tronco e o braço de uma forma mais inclinada, dava um ligeiro contrapicado. Fizemos o movimento para cima e depois descemos. Fiquei muito contente! O Fernando foi, inicialmente, um grande suporte para mim. Devo-lhe isso.”

Jardim das Figuras surge, então, como um “exercício exploratório”. Em ambiente controlado (sem atores, sem figurantes, sem animais ou crianças) e diante de “protagonistas empedrados”, o filme assume-se como espaço de experimentação formal. Claro que o uso da música e do texto de Álvaro Guerra (narrado por Joaquim Pedro), estabelece um jogo com a montagem, onde Nascimento ora opta pelo ilustrativo, ora contraria o texto com a imagem. Um momento particularmente bem conseguido encontra-se com a passagem da música religiosa para um trecho violento de bateria quando a câmara passa de uma lenta panorâmica sobre estátuas de figuras femininas para um repentino *zoom* sobre uma gárgula de boca aberta. Esta abordagem lúdica à construção formal desenvolver-se-ia em trabalhos futuros de Nascimento, logo nos anos seguintes (nomeadamente noutros filmes televisivos, para as séries *Ver e Pensar*, *Binário*, *Vamos Jogar no Totobola?*). Mas é também, de forma lata, uma das *marcas de autor* do seu cinema: um gosto pela montagem dinâmica e disruptiva que, de forma mais surpreendente, irrompe em várias das suas longas-metragens documentais – penso em filmes tão distintos, e tão afastados no tempo, como **Terra de Pão, Terra de Luta** (1978) ou **Naçara, uma e outra vez** (2024).

Ricardo Vieira Lisboa

REPÓRTER X

Para a sua primeira longa-metragem de ficção José Nascimento foi buscar inspiração a uma figura mítica dos anos 10, 20 e 30 portugueses, o jornalista, novelista e realizador Reinaldo Ferreira vulgo “Repórter X”. A história desse nome é conhecida, pelo menos tal como a registou a lenda do meio jornalístico da época, em que Reinaldo Ferreira foi um dos mais famosos repórteres. Começamos por aí que vale a pena e o conhecido e o desconhecido andam por vezes a par: lembre-se então que “Repórter X” foi um pseudónimo encontrado em princípios dos anos 20 quando Reinaldo Ferreira deixava Barcelona, onde vivia com a família depois de uma estadia de um ano em Paris, para regressar a Lisboa. A última crónica de Barcelona relatava criticamente a subida ao poder espanhol de Primo da Rivera e o receio de represálias leva Reinaldo Ferreira a publicar o texto com a vaga assinatura de “Repórter” numa grafia que levou ao engano a leitura do tipógrafo encarregue de montar o texto em Lisboa que

saiu impresso como sendo da autoria de um dito “Repórter X”. Nascido de uma gralha, o nome agradou e foi adoptado.

Tanto agradou e tanto foi adoptado que Reinaldo Ferreira baptizou com este mesmo nome a revista que teve com Guedes de Amorim e Mário Domingues (a sua redacção é um dos cenários chave do filme de Nascimento) e será nas páginas da revista, muito dedicadas aos bastidores das noites lisboetas da altura com condimentos como as investidas da alta sociedade, manobras de espionagem, circuitos de prostituição e substancias ilícitas, que Reinaldo Ferreira dará largas à imaginação e ao gosto pela literatura policial publicando em fascículos, folhetins como então se dizia, relatos criminais coloridos e empolados que tanto podiam dever à realidade como à ficção. Aí e nas redacções dos jornais (o filme de Nascimento leva-nos até à de O Século), Reinaldo Ferreira faz correr muita tinta, o que não deixa, também, de alimentar parte da construção para a história da sua própria personagem onde cabem discussões sobre autenticidade e falsidade das reportagens, viagens imaginadas (à Rússia, por exemplo), entrevistas fictícias (a Mata Hari ou a Conan Doyle)... uma série de casos de fronteiras esbatidas que segundo rezam as crónicas levavam detractores a falar de “reinaldices” e o próprio a retorquir com o belo termo de “reporterxizar”. Certo é que a criatividade de Reinaldo Ferreira não teria espaço para amarras e a narrativa seria muito provavelmente uma paixão febril.

Essa febre extravasou para o cinema, em que Reinaldo Ferreira experimentou primeiros contactos como responsável pela secção de filmes do jornal *A Capital*, em 1918 quando Leitão de Barros adaptou ao ecrã “O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho” publicado em episódios também em *A Capital* primeiro sob a aparência de história verídica para depois seguir as aventuras de um detective português. O filme de Leitão de Barros, **O Homem dos Olhos Tortos**, ficou inacabado, ainda que seja visível numa versão incompleta. Quanto a Reinaldo Ferreira, estreou-se como realizador em Espanha cinco anos depois como realizador de **O Groom do Ritz** e voltou à lide com um filme tão peculiar como **O Táxi n.º 9297**, o mais conhecido dos seus filmes, produzido pela Repórter X Film que no mesmo ano de 1927 produz **Hipnotismo ao Domicílio e Rita ou Rito?...** (Nascimento mantém uma pista deste rasto de Reinaldo Ferreira-realizador inserindo no filme a cena de uma projecção privada de um filme – imaginário – de Reinaldo Ferreira com Luís Madureira e Helena Vieira por protagonistas). Para além de um rocambolesco enredo, urbano, nocturno e policial, **O Táxi nº 9297** abre com um intertítulo que anuncia um bom prólogo mas poderia servir como uma boa epígrafe para o filme Nascimento: “Este drama não é um decalque da vida real. O autor pede que acreditem na sua fantasia”.

Tantos caracteres de Reinaldo Ferreira e ainda tão poucos de **Repórter X**? Não vem a despropósito, vem a propósito. É que o filme de José Nascimento, longe de se oferecer como um “biopic” é fiel ao espírito da vida e da obra de Reinaldo Ferreira, de que parte para uma ficção que não é certamente um *decalque* e que não só apela à *fantasia* como a reivindica como seu centro nevrálgico oferecendo-a à personagem de Reinaldo Ferreira (Joaquim de Almeida no seu primeiro papel como protagonista). **Repórter X**, filme de ficção e filme de época com uma intriga que balança entre o policial e o mistério, propõe antes disso e antes de mais, um ambiente, uma atmosfera que transportam consigo a carga fascinante da personagem que torna sua, traduzindo-a num trabalho essencialmente visual. Por um lado, temos a intriga que se segue graficamente, um pouco à semelhança da banda desenhada e também por aí remetendo para o espírito folhetinesco da coisa – Reinaldo Ferreira, personagem propicia a movimentos de bastidores alucinantes, interessado em contar histórias de espionagens europeias com centro em Lisboa, vê-se envolvido num aventureiro caso de

diplomacia, negócios escuros e desaparecimentos misteriosos. Por outro lado, o relato dessa intriga está desde o início transfigurado pela luz noturna em que os acontecimentos decorrem, sendo que essa luz noturna é o que é decisiva em **Repórter X**.

Da personagem real, **Repórter X** guarda os traços essenciais, do gosto pela ficção a uma vivência febril em que as histórias, o burburinho das redações, o movimento das noites e a dependência da morfina (que o próprio Reinaldo Ferreira dá a ver em **O Táxi n.º 9297**) se acompanham. A descoberta inicial do corpo à beira-rio, à noite, junto aos armazéns portuários, funciona como prólogo, estabelecendo o tom. Corte para o genérico onde o azul gráfico do “X” se impõe enchendo o enquadramento. Corte para o rosto angustiado de Reinaldo Ferreira durante a aterragem em Lisboa, que pouco mais tarde se revelará como manifestação de uma carência de morfina. Dados assentes, começa a deambulação pela memória de uma época lisboeta – a reconstituição das redações, dos clubes nocturnos é especialmente fotogénica sem nunca ter um apelo meramente decorativo. O realismo, que nunca marca a iluminação ou especialmente os delírios narrativos, é mesmo demarcado em duas ocasiões particulares e ambas as vezes por elementos que funcionam como adereços no fundo dos planos, a vista do casario de Lisboa a acabar no rio no telão pintado que é o exterior para lá das grandes janelas da redacção da revista e a da lua de cartão do outro lado da janela do quarto do Repórter X que enquadra o beijo dele e de Zaida (Paula Guedes na personagem anterior à que protagonizou em o BOBO de José Álvaro Morais).

O que o tempo tornou interessante é que sendo uma evocação de época, **Repórter X** se tornou de alguma forma evocador da época do seu fabrico. Se José Nascimento consegue tocar o espírito da época de Reinaldo Ferreira no circuito em que o repórter se moveria, real ou imaginariamente, **Repórter X** ganhou um suplemento de registo de uma determinada época do cinema português. Por mais redutor que este comentário possa ser (só é possível vê-lo assim a partir daqui, no pressuposto do contexto do cinema português), não se deixa por isso de sentir uma marca que começa pelos créditos no genérico em que, por exemplo, se juntam diferentes realizadores como autores do argumento, se prolonga no elenco e por esta e outras razões não deixa de colocar a questão: não será **Repórter X** tanto um filme do ambiente da Lisboa dos anos 20 como do da Lisboa dos anos 80? É uma hipótese plausível.

Maria João Madeira